

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Um retrato das classes médias urbanas: os profissionais liberais presentes em *Olhai os lírios do campo* e *Caminhos Cruzados*.

Renata Meirelles*

Resumo: Este artigo tem como objetivo mostrar em que medida os romances *Olhai os lírios do campo* e *Caminhos Cruzados*, de Érico Veríssimo, podem constituir fontes históricas relevantes para o estudo das classes médias urbanas da década de 1930. O escritor gaúcho, talvez justamente por pertencer ao grupo dos profissionais liberais, percorreu esse universo, retratando visões de mundo, experiências concretas e os anseios da classe média urbana brasileira.

Palavras-chave: classes médias, consciência de classe e Érico Veríssimo

Abstract :Érico Veríssimo seems to have chosen to describe middle classes desires, intentions and plans through his novels. This paper intends to demonstrate how the novels *Olhai os lírios do campo* and *Caminhos cruzados*, written by Érico Veríssimo, may represent important historical sources for analysing the Brazilian middle classes during the 1930 decade.

Keywords : middle class, Érico Verissimo, class consciousness

Caminhos cruzados

Escrito em 1934, *Caminhos cruzados* percorre as trajetórias de uma variedade de indivíduos pertencentes às classes médias urbanas de Porto Alegre. Diretamente inspirado no romance *Contraponto*¹, cuja narrativa estrutura-se a partir de histórias entrelaçadas, Érico Veríssimo incorporou o estilo e a forma do romance de Huxley para narrar histórias que se interligavam na cidade de Porto Alegre dos anos 1930.

* Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense.

¹ Em 1934, Érico Veríssimo trabalhava na redação da Revista do Globo e acabara de concluir a tradução do romance *Contraponto*, de Aldous Huxley. Até então o escritor gaúcho escrevera dois livros sem nenhuma repercussão por parte da crítica literária e que tampouco contaram com uma boa recepção por parte do público leitor. Érico Veríssimo desfrutou de êxito editorial apenas em 1938 com a publicação de *Olhai os lírios do campo*. O sucesso deste romance trouxe interesse por suas obras anteriores, o que acabou por gerar uma demanda pela reedição de *Caminhos Cruzados*.

A estratégia de entrecruzar diversas histórias não parece ser uma opção aleatória do romancista, mas sim um recurso para percorrer universos sociais distintos, buscando apreender a realidade de diferentes classes sociais. Embora a maioria dos personagens seja composta por profissionais liberais pertencentes às classes médias urbanas, outros segmentos sociais são também retratados, a exemplo do universo burguês e das camadas populares.

Ambientado em uma rua do subúrbio de Porto Alegre, onde a maioria dos personagens reside, *Caminhos cruzados* narra as lutas cotidianas, anseios e projetos das classes médias, que têm em comum uma situação financeira em que enfrentam dificuldades para manter o aluguel em dia, para se estabelecerem no mercado de trabalho e para sustentarem suas famílias.

Embora esses personagens habitem o mesmo espaço e atravessem situações e problemas semelhantes, é possível notar que não estabelecem qualquer tipo de laço de solidariedade ou tampouco de identidade de classe. Ao contrário, percebe-se com clareza um sentimento individualista e também de competitividade em relação aos demais.

Em *Caminhos cruzados*, os personagens pertencentes à classe média parecem não possuir consciência de classe, na medida em que não se identificam e não se reconhecem em indivíduos que enfrentam dificuldades semelhantes, que atravessam situações em comum e que têm os mesmos anseios e interesses.

A ausência de consciência de classe é recorrente entre os personagens de *Caminhos cruzados*. A personagem conhecida como viúva Mendonça agencia prostitutas em um de seus apartamentos e aluga os demais para outros inquilinos: todos eles compostos por famílias e profissionais liberais pertencentes às classes médias. Ao perceber que um de seus inquilinos, João Benévolo, está com o aluguel atrasado, pensa em despejá-lo, mesmo sabendo que fora demitido e que atravessava terríveis dificuldades para alimentar a família. O fragmento abaixo ilustra como a viúva está determinada a despejá-lo:

“A gente do João Benévolo...Três meses atrasados no aluguel. Ele, o água-morna, está desempregado. Ela costura nas mãos mas não tira nada. Nem dá pra comer. Às vezes fico com pena e dou alguma coisa. Não! – a viúva se inflama de entusiasmo indignado. – Mas isto não pode durar! Preciso botar eles pra rua. Sou pobre, vivo do meu trabalho honesto e não posso ser assim explorada...”(VERÍSSIMO, 1997: 94)

O próprio personagem de João Benévolo, embora sofra o impacto de estar desempregado há meses, não parece questionar as relações de trabalho capitalistas. Esse é talvez o personagem que mais personifique a ausência de consciência de classe, na medida em que repudia qualquer tipo de questionamento ao sistema capitalista, apesar de sofrer

diretamente os seus efeitos. João Benévolo enaltece a burguesia e aceita as desigualdades entre as classes como algo natural. O fragmento abaixo ilustra a passividade de João Benévolo:

“João Benévolo mira o carro com o olho triste. O que sente não é raiva. O Sebastião, que também está desempregado, tenta impingir-lhe idéias comunistas. Diz que o dinheiro está mal distribuído no mundo: uns têm demais, outros têm de menos; uns tomam banho em champanha, outros morrem de fome. Mas o sentimento que os ricos despertam em João Benévolo é de admiração e de inveja. Uma inveja passiva de quem sabe que nunca, por mais que faça e pense e grite, poderá atingir aquelas culminâncias de felicidade e conforto. João Benévolo admira os ricos como criaturas dum mundo remoto completamente fora de seu alcance e aceita-os quase como os povos antigos aceitavam os seus reis – por direito divino.” (VERÍSSIMO, 1997: 47)

É possível perceber que a classe média urbana retratada em *Caminhos cruzados* partilha uma visão de mundo em que os ideais liberais, tais como a exaltação do indivíduo e a supremacia da propriedade privada constituem valores que orientam a conduta ética e moral dos personagens.

Individualista e competitiva. São essas as características atribuídas às classes médias urbanas em *Caminhos Cruzados*. Não há qualquer sentimento de pertencimento de classe ou de consciência de classe. Os personagens, portanto, são conscientes de que atravessam situações e dificuldades semelhantes e, no entanto, são incapazes de encontrar soluções em grupo, de atuarem coletivamente.

A ausência de consciência de classe entre a classe média é notada por Georg Lukács em *História e consciência de classe*. O marxista húngaro percebe que a pequena burguesia é incapaz de adquirir consciência de classe, uma vez que se considera acima do conflito entre burguesia e proletariado.

Lukács mostra-se cético quanto à possibilidade de a pequena burguesia possuir projetos autônomos, não diretamente vinculados àqueles da burguesia ou do proletariado. Portanto, Lukács, ao inferir que a pequena burguesia não tem sua existência fundada exclusivamente sobre sua situação no processo de produção capitalista, descarta a hipótese da existência de uma “consciência de classe” para esse segmento. Em relação às “classes médias” ou “pequena burguesia”, afirma:

“a pequena burguesia, como “classe de transição em que os interesses das duas outras classes se enfraquecem simultaneamente” se sentirá “acima da oposição das classes em geral”. Como consequência, ela buscará “não os meios de suprimir os dois extremos, capital e salário, mas de atenuar sua oposição e transformá-la em harmonia. Em sua ação, passará, portanto, ao largo de todas as decisões cruciais

da sociedade e deverá lutar alternativamente, e sempre de modo inconsciente, por uma ou por outra das decisões das lutas de classes... A pequena burguesia só poderá desempenhar um papel ativo na história enquanto esses objetivos almejados coincidirem com os interesses econômicos das classes reais do capitalismo, como no momento de abolição dos estamentos durante a Revolução Francesa.” (LUKÁCS, 2003: 157)

A única personagem que demonstra ter consciência de classe em *Caminhos cruzados* é Fernanda, que trabalhava como secretária na mesma loja em que João Benévolo. Assim como ele, apesar de responsável e competente, é demitida sem justa causa. Seu patrão, Leitão Leiria, não hesita em demiti-la, a fim de atender um pedido de um amigo para que contratasse uma funcionária indicada por esse. Ao se dar conta de que não tem qualquer motivo para demiti-la, Leitão Leiria acusa-a de ter “idéias comunistas”, visto que, dessa forma, possuía uma justificativa para dispensá-la, uma vez que temia a interferência do sindicato de sua categoria:

Em *Caminhos cruzados* é possível perceber que não apenas no setor privado a contratação de funcionários, com frequência, obedecia a relações clientelísticas. O favorecimento das relações pessoais, em detrimento do mérito, era também recorrente no setor público. O romance indica em que medida o funcionalismo público constituía uma das aspirações da classe média urbana.

Após a Revolução de 1930, com governo Vargas, assiste-se a um processo de centralização autoritária, em que a burocracia do Estado é ampliada consideravelmente. Vargas, ao conceder postos de trabalho bem remunerados a partir da expansão do aparelho burocrático, atuou no sentido de favorecer estratos da burguesia e das classes médias urbanas.

Essa política de favorecimento das classes médias foi observada por Marx na sociedade francesa estabelecida após a Revolução de 1848. Em *O 18 brumário*, Marx aponta o fortalecimento da burocracia como um dos mecanismos de dominação de classe. Em sua análise sobre a ascensão de Luis Bonaparte após a Revolução de 1848, a formação de um quadro burocrático constitui uma das estratégias de Luis Bonaparte para estabelecer uma base de apoio com intuito de assegurar sua hegemonia.

“Sob Napoleão, a burocracia era apenas o meio de preparar o domínio de classe da burguesia. Sob a Restauração, sob Luis Felipe, sob a república parlamentar, era o instrumento da classe dominante, por muito que lutasse por estabelecer seu próprio domínio.” (MARX, 1969: 114)

Sérgio Miceli, em *Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945*, trabalha com a tese de que o governo de Getúlio Vargas, ao criar novos postos de trabalho para

preencher a máquina burocrática, procurou beneficiar parte das oligarquias arrasadas economicamente e derrotadas politicamente com a Revolução de 1930.

Para o autor, com o processo de centralização autoritária, o regime Vargas ampliou consideravelmente os postos de serviço público em áreas como educação, cultura, justiça e segurança. Há, assim, a abertura de novos Ministérios, Conselhos e Departamentos. Miceli ressalta que embora a maioria desses órgãos tivesse apenas função consultiva, operavam como fontes de legitimação para a crescente ingerência do Estado nos planos econômico e também cultural, uma vez que a área da cultura passa a constituir um campo estratégico do Governo Vargas, implicando um orçamento próprio e o recrutamento de intelectuais renomados para a difusão do trabalho intelectual e artístico.

A expansão da máquina burocrática permitiu a consolidação de uma nova categoria social formada pelos funcionários públicos do setor civil e militar. Sérgio Miceli, como Marx, identifica que a formação de um quadro burocrático civil e militar está diretamente ligada a uma estratégia política de formação de uma base social de apoio para o Estado:

“O ingresso no serviço público permitiu aos herdeiros dos ramos empobrecidos da classe dirigente resgatar o declínio social a que se viam condenados assumindo diferentes tarefas na divisão do trabalho de dominação. O funcionalismo público, federal, civil e militar, recebeu um tratamento privilegiado que consistiu, basicamente, num conjunto articulado de direitos e prerrogativas estatuídos em leis especiais que envolviam os principais aspectos relativos à reprodução das condições materiais e do status de praticamente todos os escalões do pessoal burocrático de carreira. Tornando-se o alvo de benefícios significativos, o funcionalismo público acabou convertendo-se numa das bases sociais decisivas para a sustentação política do regime.” (MICELI, 1979: 134)

Olhai os lírios do campo:

Publicado em 1938, *Olhai os lírios do campo* contou com grande aceitação por parte do público leitor. O romance é estruturado a partir da oposição entre os personagens de Eugênio e Olívia, ambos médicos recém-formados na Faculdade de Medicina, na cidade de Porto Alegre dos anos 1930. Enquanto Eugênio tem origem humilde e esforça-se para ascender socialmente a qualquer preço, casando-se com uma moça de família abastada, Olívia opta por uma vida simples, trabalhando como médica da rede pública, atendendo a população mais pobre.

A opção por retratar profissionais do campo da medicina não aparece de forma aleatória no romance.² Érico Veríssimo parece ter optado por mergulhar no universo de uma carreira que permite transitar entre diferentes cenários e classes sociais, mostrando uma variedade de visões de mundo e de experiências concretas. O tema do exercício da medicina revela-se, ao longo da narrativa, como caminho para a análise e crítica social, uma vez que apresenta a polarização entre aqueles que fazem o uso do diploma exclusivamente para atender à clientela burguesa e aqueles que encontram na profissão um meio para atender as classes baixas.

Embora o tema da profissão médica prevaleça em *Olhai os lírios do campo*, os mais diferentes profissionais liberais são retratados no romance, todos eles envolvidos de alguma forma com confronto entre ambição e ética, constituindo pontos de referência para a análise daquele momento histórico, em que a sociedade brasileira achava-se em acelerado processo de transformação. Nesse sentido, *Olhai os lírios do campo* pode constituir uma fonte histórica não convencional para a análise do contexto histórico dos anos 1930, momento de crescimento dos centros urbanos, da afirmação das classes médias no cenário político e da implantação do Estado Novo.

A narrativa tem início na memória de Eugênio, que se recorda da infância pobre e do sofrimento do pai que trabalhava como alfaiate. Somente em função do trabalho do pai para um internato, o protagonista pôde freqüentar uma instituição para meninos ricos. Na faculdade de medicina, Eugênio entrou em contato com colegas que pertenciam à elite, cujo universo o fascinava, mas também lhe provocava revolta.

A inserção da elite e das classes médias nos cargos públicos do governo é tema evidente em *Olhai os lírios do campo*, o que denota a percepção de Érico Veríssimo para algo recorrente nos anos de 1930. Com o crescimento da burocracia estatal, eram os setores da elite e das classes médias que ocupavam os cargos da administração pública. Esta política, que foi conduzida pelo governo Vargas, com o intuito de garantir renda e estabilidade aos setores das elites e das classes médias, está presente na consciência de Eugênio, como indica o fragmento abaixo:

² O interesse de Érico Veríssimo pelo tema da medicina está também relacionado à admiração do escritor gaúcho por autores da literatura inglesa, a exemplo dos romancistas Somerset Maughan, Katherine Mansfield e Aldous Huxley. Maughan tornou-se um escritor mundialmente famoso com a publicação de *Servidão humana*, que narra a história da formação de um jovem médico em busca de realização profissional na Inglaterra vitoriana. Em sua autobiografia, Érico Veríssimo admite ter escrito *Olhai os lírios do campo* sob influência de uma certa “moda” de escrever romances com personagens médicos. No período de 1936 a 1938, Érico Veríssimo dirigiu a revista *A Novela*, publicação destinada à difusão de grandes autores estrangeiros desconhecidos no Brasil. Dentre os autores selecionados, encontram-se Somerset Maughan e Katherine Mansfield, quase sempre traduzidos pelo próprio Érico.

“Lembrou-se das lutas dos tempos de prepetoriano, das dificuldades em que se vira para pagar a matrícula. Obtivera a muito custo o lugar de repórter num jornal. Trabalhava até de madrugada e odiava aquele serviço. Pensava noutros colegas pobres mais felizes que ele, pois tinham conseguido bons empregos públicos. A mãe lhe dissera um dia: “Este teu amigo Alcebiades bem podia te arrumar um emprego. O pai dele não é um manda-chuva?”. Realmente, Alcebiades, se quisesse, poderia arranjar-lhe alguma coisa. Mas Eugênio repelia a idéia de pedir. Preferia continuar roendo pedra. Pedir era humilhar-se e ele estava farto de humilhações.” (VERÍSSIMO, 2005: 53)

A decisão de tornar-se médico coloca para Eugênio o dilema entre atender a uma clientela burguesa, o que lhe renderia uma condição de vida confortável, e atender as camadas mais pobres da população. O exercício da medicina de forma solidária, de atendimento às populações carentes, é descrito no romance a partir do personagem Seixas. O fragmento abaixo ilustra como Eugênio na juventude nutria admiração por Dr. Seixas, mas, ao perceber que não tinha vocação para lidar com a população pobre, desiste de seguir seus passos:

“Fora ainda lendo a história dos grandes benfeitores da humanidade que Eugênio decidira estudar medicina. Havia, entretanto, outra razão mais poderosa que essa. Desde menino vivia impressionado com o sofrimento do pai e com a figura do dr. Seixas, um médico que se sacrificava pelos pobres, que era ele mesmo um pobre, pois aos quarenta e vários anos não tinha automóvel, não possuía um tostão de seu, vivia crivado de dívidas e atormentado por compromissos de dinheiro que vinham dos tempo de estudante...Ficava furioso quando alguns dos clientes pobres lhe falavam em dinheiro ...Eugênio admirava-o. Queria ser médico para seguir os passos do dr. Seixas e para curar o pai. Pelo menos era o que pensava no tempo dos preparatórios...Mas hoje...Agora via o mundo com outros olhos. A função de repórter pusera-o em contato com a verdadeira miséria. A pobreza de sua gente chegava a ser riqueza, comparada à indigência que ele agora conhecia. Como era difícil aproximar-se daquelas casinholas fétidas, daquela gente repugnante! Olhava de longe, anotava, fazia perguntas apressadas e depois sua fantasia completava a reportagem. Mas quando fosse um médico que se quisesse dedicar aos pobres seria obrigado a colocar o dedo naquelas feridas, respirar longamente o ar viciado daquelas casas, sentir na cara o hálito pestilencial daquela gente.” (VERÍSSIMO, 2005: 54)

Centrado na antítese entre a ambição de Eugênio e a ética de Olívia, o romance procura criticar a crise moral inerente à sociedade capitalista, na qual muitos renunciam aos valores humanos e morais para inserirem-se no topo da hierarquia social. Assim, Eugênio embora se identifique com Olívia e goste de sua companhia, casa-se com Eunice, filha de um grande empreendedor. Olívia, por sua vez, tem em uma trajetória oposta à do ambicioso Eugênio: opta por atender pacientes pobres,.

Embora reconheça que *Olhai os lírios do campo* lhe trouxe um importante retorno profissional, o próprio Érico se mostrou bastante crítico ao seu conteúdo, ao escrever o prefácio para a edição do ano de 1966. (VERÍSSIMO, 2005: 17) Para o escritor gaúcho, tanto

Olívia como Eugênio lhe pareceram personagens irreais. O altruísmo e dedicação de Olívia e seu amor incondicional por Eugênio lhe soaram inumanos.

Não é intenção deste trabalho fazer qualquer juízo estético acerca do romance, tampouco se aproximar de qualquer tentativa de crítica literária. Contudo, não se pode deixar de ressaltar que *Olhai os lírios do campo*, de fato, é atravessado por uma perspectiva “salvacionista,” na medida em que Olívia é retratada como redentora de Eugênio, apresentando-se como guia para conduzi-lo pelo caminho do “bem.” Érico Veríssimo, através da ética cristã, denuncia a fragmentação das relações humanas diante da crescente comercialização da vida, a perda de valores tradicionais superados pelo dinheiro e a busca desenfreada por ascensão social.

Conclusão

A análise dos fragmentos extraídos de *Olhai os lírios do campo* e de *Caminhos cruzados* indica que estes romances representam fontes literárias relevantes para o conhecimento de alguns aspectos da realidade dos setores médios brasileiros da década de 1930. Em sua escrita, Érico Veríssimo foi capaz de condensar experiências concretas vivenciadas por trabalhadores urbanos em busca de realização profissional, no momento de consolidação das relações capitalistas no Brasil.

Em ambos os romances é possível perceber que os personagens se deparam com as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores urbanos, em um momento de polarização das lutas políticas, de adaptação às transformações provocadas pela urbanização e de ascensão das classes médias no cenário político.

Érico Veríssimo, ao presenciar o crescimento urbano de Porto Alegre nos anos 1930, encontra em seus romances um meio para questionar a miséria, a degradação da condição humana e a exploração do homem pelo homem, que acompanhavam as transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas a partir da ditadura de Getúlio Vargas.

Bibliografia

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins fontes, 2003.

MARX, Karl. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945*. São Paulo: DIFEL, 1979.

VERÍSSIMO, Érico. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Editora Globo, 1997.

_____ *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.